

Seção Temática

Conflitos Agrários e o Romance

Tapera: literatura, conflitos, violências e memórias

Tapera: literature, conflicts, violence, and memories

 Luiz Antônio Bogo Chies¹

 https://doi.org/10.36920/esa33-2_09

Resumo: Instigado pela presença da palavra Tapera nos pioneiros trabalhos que, no século XIX, sistematizam um vocabulário típico do Rio Grande do Sul, este estudo, também considerando as peculiaridades dos processos de apropriação de terras e sedentarização de populações no contexto da bacia do Rio da Prata – o Pampa –, focalizou e perquiriu, por meio de fontes literárias com mais de 100 anos de publicação, os sentidos que a Tapera permite evidenciar em termos de figurações da sociedade, seja da época, seja para estudos contemporâneos. Os textos analisados permitiram que fosse identificada como acionadora de quatro centros de sentido que se vinculam com conflitos e violências. Também um estudo exploratório das pesquisas contemporâneas reforça a convicção de que a Tapera opera como um ícone crítico da memória e da violência, em especial para o estudo, análise e compreensão de processos e políticas que se relacionam com o acesso, a apropriação e o usufruto de terras/territórios.

Palavras-chave: Conflitos. Literatura. Tapera. Violência.

¹ Doutor em Sociologia. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). E-mail: luiz.chies@ucpel.edu.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8089974119901042>.

Abstract: Inspired by the word “tapera” in pioneering 19th-century works that systematized a vocabulary typifying Rio Grande do Sul, this study considered the peculiarities of land appropriation and population sedentarization in the Rio da Prata basin—the Pampa—and investigated, via literary sources published over 100 years ago, the meanings “tapera” offer regarding societal figurations in the period and for contemporary studies. The analyzed texts found four centers of meaning linked to conflict and violence as triggering. An exploratory study of contemporary research also reinforces the conviction that “tapera” operates as a critical icon of memory and violence, especially to study, analyze, and understand processes and policies related to access, appropriation, and enjoyment of land/territories.

Keywords: Conflicts. Literature. Tapera. Violence.

Introdução

O fato de a palavra/termo Tapera, já no século XIX (seja em 1852 ou em 1898), constar nos dois primeiros trabalhos que sistematizam um vocabulário típico do Rio Grande do Sul é significativo em demonstrar a importância e a presença de uma realidade que, então, assim se denomina:

Tapéra, s. f. casa ou sitio abandonado : vem do nome indígena *tapéra*, aldeia velha (Coruja, 1852, p. 237).²

Tapéra, subs. m. e adj. De 2 gen.: casa de campo abandonada e quase sempre em ruínas. Como *adj.* se emprega no sentido de – inabitada, deserta, abandonada [...] *Etym.*: do guarani – *taba puera*, que significa aldeia abandonada, isto é, *taba*, aldea e *puéra* (pretérito) que foi abandonada, segundo Montoya (Corrêa, 1898, p. 198).

É de se registrar que Antônio Álvares Pereira Coruja (1852, p. 234), no pioneiro texto “Collecção de Vocabulos e Frases usados na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul”, não incluiu a palavra rancho, ainda que tenha registrado o adjetivo rancheiro (derivado de rancho) para designar “o cavalo

² Para todos os textos citados foi mantida a grafia e ortografia do original.

que indo em viagem quer ir a todas as casas que ficam próximas á estrada”. É provável que Coruja não considerasse o vocábulo típico o suficiente apenas para a província meridional.

Ainda em Coruja (1852, p. 233), a Querência se refere mais ao animal do que ao humano: “Querencia, s. f. (do cast. *querencia*) lugar ou paragem onde o animal assiste de ordinario o pasto, ou onde foi creado”.

Em 1898, José Romaguera da Cunha Corrêa (1898, p. 175) inclui o rancho no seu “Vocabulário Sul-Rio-Grandense”: “casebre feito de *páo á pique* e coberto de folhas (quase sempre de *butiá*, *gerivá* ou de *santa fé*) tendo como porta – um couro ou algumas aduelas de barricas pregadas umas ás outras. É o mesmo que – chouca, cabana, choupana, etc.”.

Também apresenta o vocábulo Querência que, para além dos animais: “Applica-se ás pessoas quando se quer referir ao lugar de seu nascimento ou onde mora, e então é synonymo de – *pagos*” (Corrêa, 1898, p. 172).

Resgatamos esses registros, dos pioneiros sistematizadores de um vocabulário regional, para reconhecer a existência de um complexo – Rancho-Querência-Tapera – que se relaciona com os processos de apropriação de terras e sedentarização de populações no contexto da bacia do Rio da Prata – representado por territórios da atual Argentina; do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil; e, do Uruguai: o Pampa – e incluído no Cone Sul da América Latina, sustentando, com apoio em Edmundo Heredia (1998, p. 122), que estamos diante de uma “entidade que está além das unidades que [a] compõem”, fomentada, entre outros aspectos, por uma problemática comum de conteúdo histórico-cultural:

- a) haver sido o *confim austral* do império hispânico na América, durante muito tempo fora dos centros coloniais mais ricos e, portanto, preferidos pela atenção da Metrópole;
- b) haver sido *zona de fricção e de conflito* entre os domínios americanos de Espanha e de Portugal;
- c) haver sido o cenário de *confrontação entre brancos e indígenas*, isto é, entre os invasores e ocupantes de espaços e as populações originais e donos naturais desses territórios;
- d) haver sido receptor de grupos de variadas *culturas e nacionalidades* que da Europa em grandes contingentes imigratórios (Heredia, 1998, p. 127).

Nosso foco de análise, contudo, está no elemento Tapera, o qual propomos como um ícone crítico de memória e violência.

A pesquisa que subsidia o texto se caracteriza como orientada pelas perspectivas da sociologia histórica (Monsma; Salla; Teixeira, 2018), bem como pelos estudos de tipo sociológico em literatura (Candido, 2023, p.16; Tavares-dos-Santos, 2020). Nesse sentido, é importante registrar que, nos termos de Candido (2023, p. 15), trata-se de abordagem inserida nos “estudos aplicados à investigação de aspectos sociais das obras, – frequentemente com finalidade não literária”. Assim, seguindo a tipologia que elabora acerca das modalidades mais comuns de estudos de tipo sociológico, a pesquisa corresponde ao segundo: “formado pelos estudos que procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos (Candido, 2023, p. 17). Conforme Candido (2023, p. 17), constitui-se de “modalidade mais simples e mais comum, consistindo basicamente em estabelecer correlações entre os aspectos reais e os que aparecem no livro”. Assim, consideradas essas características, limites e potencialidades, estamos cientes de que o texto não abarca, mas pode estimular, uma promissora agenda de pesquisas no campo da Literatura, a qual (dentre outras possibilidades) envolva a Tapera, como espaço/estruturado, seja no contexto de constituição dos sistemas literários na região, seja na literatura contemporânea.

Para compor o *corpus* de análise, foram estabelecidos os seguintes critérios:

1. identificar e selecionar textos escritos e publicados originalmente há, pelo menos, 100 anos (na perspectiva de respeitar o que se considera um critério para definir o antigo), oriundos dos contextos territoriais pampeanos, nos quais a Tapera é apresentada com significância temática;
2. buscar a edição mais próxima da original que nos fosse possível acessar (seja por meio de obras físicas, seja de obras digitalizadas), desde que mantivesse qualidade satisfatória para fins de garantir o acesso à integralidade da narrativa ou relato;
3. realizar as transcrições mantendo o idioma, a grafia e os estilos originais. Acreditando que, apesar das mudanças ortográficas nos idiomas espanhol e português, bem como o significativo uso de termos e expressões regionais, os textos serão compreensíveis ao leitor (apenas uma exceção foi realizada nesse critério: excerto de obra original em inglês é apresentado com tradução ao português).

Com a utilização do primeiro critério, foi possível reunir um conjunto de 15 textos, os quais compõem o seguinte Quadro:

Quadro 1 – Corpus de textos identificados e selecionados na pesquisa (*)

Ano da publicação	Autor	Título	Tipo de escrita	Idioma original
1826	Francis Bond Head	<i>The Pampas</i>	Relato de viagem	Inglês
1845	Domingo Faustino Sarmiento	<i>Aspecto físico de la Republica Arjentina, i caracter abitos e ideas qe enjendra.</i>	Ensaio político	Espanhol
1872	José Hernandez	<i>El Gaucho Martin Fierro</i>	Poesia	Espanhol
1874	Apolinário Porto Alegre	<i>Tapéra</i>	Conto	Português
1892	Eduardo Acevedo Díaz	<i>El combate de la tapera</i>	Conto	Espanhol
1898	Luís Araújo Filho	<i>Recordações Gaúchas</i>	Romance	Português
1901	Godofredo Daireaux	<i>La tapera</i>	Conto	Espanhol
1901	Santiago Maciel	<i>La tapera</i>	Conto	Espanhol
1910	Roque Callage	<i>Através do Pampa</i>	Conto	Português
1911	Alcides Maya	<i>Tapera</i>	Conto	Espanhol
1911	Javier de Viana	<i>La Tapera del Cuervo</i>	Conto	Espanhol
1912	João Simões Lopes Neto	<i>No manantial</i>	Conto	Português
1914	Roque Callage	<i>Saudade</i>	Conto	Português
1922 ³	Elias Regules	<i>Mi tapera</i>	Poesia	Espanhol
1923	José María Alonso y Trelles	<i>Los que quedan</i>	Poesia	Espanhol

Nota: (*) O ano se refere ao identificado como correspondente à primeira publicação do texto. Como título, para excertos de obras foram utilizados os do capítulo no qual se encontram; para contos e poesias, os seus próprios, independente do título da obra no qual se inserem. Tal nota deve ser considerada em cotejo com os registros das referências bibliográficas.

Fonte: Organizado pelo autor, 2025.

Cabe registrar que, imergindo nessa dimensão da cultura pampena, acessamos a compreensão de que a ocupação (colonizadora) desses territórios, bem como a existência rural das populações (pelo menos até as primeiras décadas do século XX) foi, ainda que heroica a ponto de produzir relatos poéticos, sagas e epopeias, significativamente perversa e frustrante para muitos: desde os povos originários desta parte da América do Sul, até os diferentes tipos de colonizadores, sobretudo aqueles que, acompanhando

³ Nossa pesquisa indica que a poesia “Mi Tapera” foi incorporada apenas na 7ª edição do livro *Versos criollos*, em 1922, a última que, em vida, o autor corrigiu e ainda agregou conteúdo. A primeira edição data de 1894, com o título *Versitos criollos*. A partir da 2ª edição, em 1900, passa a ser titulada como *Versos criollos*. Na edição consultada, de 1965, foi a 7ª a sua base e a obra inclui registro de suplemento do jornal uruguaio *Diário del Plata*, de 28 de dezembro de 1924, no qual Regules assina texto intitulado: “Por que cante Mi Tapera”.

as considerações do historiador argentino Ricardo Molas (1982), devemos considerar “los menos pudientes”: incluídos na sociedade apenas para servir aos “decentes y pudientes”⁴.

Com base nessa compreensão, o texto segue o seguinte percurso: o complexo Rancho-Querência-Tapera é evidenciado em suas significâncias, bem como proposto em perspectiva hologramática, no qual em cada parte elas próprias incluem a referência e informações do todo (Morin, 2007); o *corpus* literário selecionado é apresentado e analisado por meio de quatro centros de sentido que se relacionam com a conflitualidade, a violência e a memória; e, por fim, a Tapera é a vislumbrada como potência para pesquisas contemporâneas, por meio de breve panorama exploratório no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. As Considerações Finais enfeixam os resultados da pesquisa.

Complexo Rancho-Querência-Tapera: significância, conflitos e violências

Acompanhando os registros do historiador uruguaio Fernando O. Assunção (2011, p. 589), é importante reconhecer que o Pampa – bioma e território –, aparentemente fértil e benigno, é, em realidade, escasso de produtos alimentares naturais, o que, no nomadismo de suas populações originárias, favorecia que se tratasse de:

[...] de grupos tribales – no verdaderas naciones –, de cazadores-recolectores, es decir depredadores por antonomasia del hábitat, por el que transitaban nomádicamente, como corredores de las llanuras y destructores de la escasa flora aprovechable como alimento (recolección) y de la fauna (caza y pesca), deben desplazarse periódicamente en la medida que agotan las reservas de una porción dada del territorio.

A sedentarização de populações no Pampa, portanto, já significava em si um desafio à cultura e ao trabalho humanos. Tal desafio foi impactado e matizado por uma inusitada situação decorrente dos pioneiros projetos de ocupação permanente do território.

No entorno das primeiras décadas do século XVII a introdução de gado na região – tanto bovino, como cavalar –, seja por iniciativas dos jesuítas

⁴ “Los menos pudientes”: os menos prósperos. “Decentes y pudientes”: decentes e prósperos, ou, decentes e ricos.

missioneiros ou pelos colonizadores espanhóis, e seu posterior abandono na banda oriental do rio Uruguai, permitiu uma frutífera reprodução de manadas que, por cerca de 200 anos, viabilizou o desenvolvimento de uma economia ganadeira peculiar (inicialmente dedicada à caça, que se interessava apenas pelo couro do animal; posteriormente, à pecuária). Esta, menos interessada no cultivo da terra e em sua ocupação densa por populações, teve nos latifúndios sua estrutura de apropriação territorial.

Com tal base estrutural são gerados, dimensionados e redimensionados os diferentes desafios, as perversidades e as frustrações, seja dos desejos de sedentarização de uns, seja do usufruto dos territórios por outros: a) em relação aos indesejados povos originários e suas tribos, esvaziar os espaços; b) em relação a uma mão de obra necessária às tarefas sazonais, ou àquelas atividades que, mesmo cotidianas, exigiam reduzidos contingentes humanos, permitir assentamentos precários sustentados por relações de tipo servil e frustrar expectativas legais de acesso à propriedade territorial; c) depois, na gradual modernização dos estados nacionais que se formam na região, admitir o imigrante colonizador rural, mas, sempre que necessário às elites, desfavorecer e frustrar os desejos e iniciativas de uma justiça social fundiária.

Não obstante, a dimensão desejante das sensibilidades humanas também acompanha essas trajetórias históricas. Na observância do instinto animal em seu impulso de permanecer ou voltar no/ao lugar no qual se acostumou a viver, é que, provavelmente, os habitantes do Pampa buscaram a palavra, o verbo, que tanto utilizaram e utilizam para expressar seu afetivo desejo de vida estável e/ou sedentarizada: Querência; aquerenciar-se. E o Rancho, definido por Aldyr Garcia Schlee (2019, p. 771) como a “[p]rimitiva construção tipicamente pampeana, utilizada pelo campeiro pampeano como morada”, é a pioneira expressão arquitetônica do desejo Querência.

Mas, como já sugerimos, no Pampa existiram sobrecargas de desafios à realização dos desejos Querência. Não foi de modo passivo, tampouco pacífico, que as tribos originárias reagiram à invasão de seus territórios. O termo espanhol “malón” (no plural “malones”), definido (para o contexto dos países do Cone Sul) pelo *Diccionario da la lengua española* como: “Irrupción o ataque inesperado de indígenas” (Malón, 2025), denomina

eventos nos quais muitos habitantes pampeanos tiveram suas habitações destruídas e/ou suas vidas e de seus familiares eliminadas.

Mas, não só com os índios fizeram guerra as populações e lideranças coloniais, e mesmo as crioulas⁵. Fizeram com as potências europeias da época colonial; fizeram, como súditos das colônias, no interesse das coroas Ibéricas; fizeram como vizinhos; fizeram, enfim, na busca de hegemonias de poder político e econômico quando das emancipações como estados nacionais sul-americanos.

E para todas e tantas guerras foram necessários soldados. Estes foram engajados por meio de diferentes formas e, não raramente, forçadas e violentas, seja por ardis legais (decorrências de condenações por espúrias acusações criminais) ou por simples capturas de homens, compelidos a abandonar Querências, famílias e Ranchos.

Ardis legais também foram utilizados para ludibriar a pretensão da propriedade segura da terra por ingênuos e iletrados camponeses. Outros, servos leais de estancieiros semifeudais, por vezes ficaram ao total desamparo haja vista inusitadas mudanças de humores e sucessões senhoriais.

Dessas percepções, ainda que não exaustivas de situações e motivos que transformaram Ranchos em Taperas – símbolos do desejo Querência e da felicidade que se frustra pelo infortúnio, pela violência, pela desilusão, pela usurpação da terra, pelos efeitos da guerra e da ganância –, emerge um conjunto de temas recorrentes na literatura regional, os quais, agrupados em centros de sentido, permitem que se reconheça, para além de uma imagem de retórica, a relevância da Tapera como um elemento psicossocial da cultura e das sociedades pampeanas. Elemento em dialogicidade hologramática no complexo Rancho-Querência-Tapera.

Tapera: apropriação violenta do território e guerra

Temos sustentado que, ao lado do par apropriação/violência, proposto por Boaventura de Sousa Santos (2007), os arquétipos do militarismo, do racismo

⁵ Aqui em acepção corrente para o contexto do Cone Sul. Conforme Schlee (2019, p. 272): “**CRIOULO** [...] Adj. – Dito de quem ou do que é nativo ou próprio de um lugar ou região (SL) // Tudo que for originário do país ou da região pampeana em que existe, ocorre ou é difundido (EC, JH, AD, AM, SL, RG, FP) [nestas aceps. us. c/PLAT]. AME: *criollo* (DEDA, DESU, NDUR, PVRC, VCOR)”.

e das sensibilidades bárbaras se evidenciam como elementos potentes em grades de leitura para quem se dedica a interpretar as realidades históricas e contemporâneas dos territórios sul-americanos (Chies, 2023). Nesse primeiro centro de sentido são eles que se destacam.

O mais antigo texto de nosso *corpus* de análise se constitui no relato de viagem do engenheiro inglês (Sir) Francis Bond Head (1826), o qual, em 1825, realizou duas viagens a cavalo entre Buenos Aires (Argentina) e os Andes, incluindo sua travessia para alcançar Santiago (Chile), numa missão que tinha por fim interesses ingleses na mineração da região. Trata-se de texto singular, devido a sua condição de estrangeiro que registra aquilo que lhe parece inusitado, num território ainda incivilizado.

O encontro de Head com a Tapera decorre de um desvio de sua rota, justamente motivado pela insegurança, pelos conflitos e violências que se relacionam com os territórios pelos quais cavalga:

Em San Luis fui aconselhado a não seguir sozinho, pois o correio e o guia (de Buenos Aires), com seus cavalos e um cachorro, haviam acabado de serem encontrados no caminho degolados – fui aconselhado a me juntar ao correio que estava partindo para Buenos Aires. Assim, na manhã seguinte parti com o correio e três peões como guardas, todos armados com pistolas e revólveres velhos (Head, 1826, p. 75, tradução nossa).

Nessa companhia, que inclui o pai do jovem correio morto, Head (1826, p. 77-78), dias depois e já região da província argentina de Santa Fé, chega ao local do assassinato, que assim descreve:

[...] uma pequena cabana enegrecida em ruínas. Era uma das que tinham sido queimadas pelos Índios, e a família inteira foi nela assassinada. Quando chegamos lá, olhei ao meu redor, e não pude ver nenhuma outra cabana ou habitação; não havia gado e, quando alguns poucos veados, que por alguns momentos estavam à vista, fugiram, ficamos completamente entregues a nós mesmos, e não se via um pássaro ou qualquer animal. Estávamos no centro de uma província deserta.

Nós galopamos até a cabana – ela era construída com grandes tijolos crus e barro: o telhado havia sido queimado – uma das paredes laterais estava caída até a metade de sua altura – a outra parecia quase caindo – um muro havia caído, e nós cavalgamos

até este lado da cabana. – Perto de nós havia um poço fundo, no qual os Salteadores haviam jogado todos os corpos – primeiro o correio e o guia, então o cachorro e então os cavalos.

A Tapera de Head concentra a história de, ao menos, três violências: a família dizimada pelo ataque (“malón”) dos índios, o qual não deixa de ser precedido pelo assenhoreamento violento de seu território, e o crime contra o jovem correio e seu guia. Permite, ainda, vislumbrar o desejo e os desafios do Rancho-Querência, pois que moradia de uma família, “no centro de uma província deserta”, sem qualquer outra cabana à vista.

Outros quatro textos – uma poesia e três contos – trazem aportes significativos para este centro de sentido, transitando pela militarização (em especial forçada) das populações, seja para alimentar a apropriação do território ou para as diferentes guerras que serviram aos interesses das elites regionais: a famosa obra *El gaucha Martin Fierro*, do argentino Jose Hernandez ([1845]1966)⁶; os contos “La Tapera”, do uruguaio Santiago Maciel ([1901]1961), “Tapera”, do sul-rio-grandense Apolinário Porto Alegre (1874a, 1874b)⁷ e, do também uruguaio Eduardo Acevedo Díaz, *El combate de la Tapera* ([1892]1954).

Com Hernandez (1966) e Maciel (1961), os protagonistas – Martín Fierro e Nazario Zerpa – são homens campeiros que se dedicavam a consolidar o desejo Rancho-Querência:

Tuve en mi pago en un tiempo
Hijos, hacienda y mujer;
[...][...]
Sosegao vivía en mi rancho
como el pájaro en su nido;
allí mis hijos queridos
iban creciendo a mi lao...
(Hernandez, 1966, p. 57).

⁶ Em relação aos textos que não obtivemos sucesso em consultar a primeira edição indicamos, na primeira referência, o ano daquela. Nas citações seguintes indicamos apenas o ano da edição consultada.

⁷ O conto, indicado como romance pelo autor, é publicado originalmente sob o pseudônimo de Iriêma, existindo registro de que teria sido escrito em 1869.

Hacia un año que se había casado cuando estallo la revolucion Poseía un pedazo de campo, media suerte y alguna hacienda mestiza Él mismo construyó el rancho en que habitaba y alambro la chacra Su compañera, una excelente muchacha, muy simpática y activa, le ayudaba en la formacion de aquel nido, realmente feliz, porque ambos se querian y además ninguno de los dos era ambicioso (Maciel, 1961, p. 73-74).

No entanto, ambos são forçosamente engajados no exército, uma prática recorrente, em especial nos territórios hispânicos da região, que León Pomer (2007) bem demonstra recair seletivamente sobre “los menos pudientes”. Tal exploração do campesino produz, geralmente e dentre outros impactos, a destruição do arranjo familiar e do desejo Rancho-Querência. A Tapera, então, emerge como ícone visível dessa modalidade de violência.

Com Martín Fierro podemos ler:

[...]

Porque ya no hay salvación,
y, que usted quiera o no quiera,
lo mandan a la frontera
o lo echan a un batallón.

[...]

Me echaran a la frontera.
¡Y qué iba a hallar al volver!

Tan sólo hallé la tapera (Hernandez, 1966, p. 56-57).

O protagonista de Maciel se faz desertor e é perseguido. Supera as dificuldades da fuga e retorna ao Rancho-Querência, apenas para descobrir que:

Una partida de revolucionarios habia atacado al rancho incendiándolo, y robando la poca hacienda que quedaba en los potreros Su mujer y su hijo, sorprendidos por las llamas, no tuvieron tiempo de huir y perecieron Esa era la historia Zerpa experimento desesperacion, angustia y rabia Silencioso con el rostro alterado por el dolor, se dirigio a la tapera resuelto a morir cerca de aquellas ruinas, que no eran sin embargo, tan lastimosas como las que tenia en el alma (Maciel, 1961, p. 86-87).

Com Apolinário Porto Alegre (1874a, 1874b) o contexto é o da Revolução Farroupilha, que entre 1835 e 1845 dividiu o Rio Grande do Sul entre os leais ao Império e os revolucionários (num processo, contudo, de maior interesse para as elites do que para a população em geral). Seu protagonista, Paulo, um capitão do exército vencido, em setembro de 1845 está retornando em procura de sua amada, a jovem Laura, que cinco anos antes, acompanhada de sua mãe (Margarida), tratara-o de graves feridas de batalha.

É a Tapera que Paulo encontra. Pela boca do escravo Miguel (sobrevivente do massacre), toma conhecimento das condições da morte de Laura e de sua mãe: a invasão do Rancho pelos “imperiais”, o saque, o assassinato de Margarida, por um golpe que lhe rompeu o crânio, a perseguição de Laura para fins de estupro. Enfim, o ato da jovem: “O soldado com os braços estendidos em busca de Laura ; Esta agonizante, tendo a faca cravada no coração até o cabo: refúgio no suicídio com defesa da honra” (Porto Alegre, 1874b, p. 748) ao mesmo tempo em que Miguel abatia o agressor “com certo golpe de machado” (Porto Alegre, 1874b, p. 748).

Para além da descrição da Tapera, Porto Alegre (1874a, p. 705-706) reflete:

Singelo tujupar, cujo tecto de palhoça abatera quasi todo, cujas paredes de taipa ameaçavam proxima ruína, aqui e ali mostrando a trança de ripas solta, os cipós desfeitos, o rebóco destacado. Ahi morava o silencio, as cellulas de maribondos pendentes d’um caibro e um forneiro [tipo de pássaro] que fizera vivenda na linha do oitão.

[...]

O que ha de mais contristador e melancolico do que a fazenda por sobre cuja cúspide a espira de fumo não ondeia graciosamente como um signal de vida, como o pendão que annuncia a presença do homem? !

[...]

A familia, como os estados, tem suas Thadmors [referência a uma cidade bíblica], e uma ruína ou de cidade, ou de simples habitação, inspira talvez mais tristeza que o cemiterio de tumulos branquejantes, de cyprestes a desprenderem funerarias endechas!

Já no conto “El combate de la Tapera” – contextualizado na época das Guerras Artiguistas (conflitos armados entre luso-brasileiros e as forças de José Gervásio Artigas entre 1816 e 1820) –, ela é o local de refúgio e resistência de um destacamento de soldados do exército de Artigas. São 15 homens e duas mulheres, cavalos e dois cachorros mastim. O texto sugere estarem sendo perseguidos pelos portugueses após a Batalha de Catalán, ocorrida em 4 de janeiro de 1817, e a Tapera é descrita:

Dos paredes de barro batido sobre “tacuaras” horizontales, agujeradas y en parte derruídas; las testeras, como el techo, habían desaparecido.

Por lo demás, varios montones de escombros sobre los cuales crecían viciosas las hierbas; y a los costados, formando un cuadro incompleto, zanjás semi-cegadas, surgían saúcos y cicutas en flexibles bastones ornados de racimos negros y flores blancas (Díaz, 1954, p. 84).

Não obstante as referências históricas, trata-se de narrativa ficcional que, apesar da derrota completa do destacamento, enfatiza o heroísmo de cada personagem.

Para nosso estudo é significativo que tanto Maciel, como Porto Alegre, titulem os contos como Tapera, bem como que Díaz nela situe o heroico combate, pois nela concentram, como ícone hologramático, não só a memória de Ranchos-Querências, mas, também, todas as violências, para além dos crimes imediatos que ocorreram, que suas narrativas enfeixam.

Tapera: memória coletiva de violências e crimes

Na senda da memória da violência e do crime, outros dois contos são representativos: “La Tapera del Cuervo”, de Javier de Viana ([1911]1912), uruguaio; e, “No manantial”, do brasileiro João Simões Lopes Neto (1912). Em ambos, a Tapera é vislumbrada como o ícone da memória de crimes que nela ocorreram. Uma memória que se passa a terceiros e se faz coletiva.

— La tapera del Cuervo, — me indicó Maneca.

[...]

— La tapera del Cuervo: e *una casa enfeitada*.

— ¿ El qué ? — dije.

— Una casa asombrada. Es una historia — y luego, dado que los brasileños, aún aquellos que como mi acompañante, hablen correctamente el castellano; necesitan recurrir á su idioma para las expresiones superlativas, — agregó:

— *Uma historia terrível, assustadora !* — y alargó las últimas dos sílabas en un imponente ahuecamiento de la voz. En seguida, y sin necesidad de exigencias de mi parte, se dispuso á narrarme la terrible aventura, que él había oído, me dijo de los propios labios de *Lanzaseca*, el único sobreviviente do la catástrofe (Viana, 1912, p. 8-9).

Está vendo aquelle umbú, lá embaixo, á direita do coxilhão ?

Pois ali é a tapéra do Mariano. Nunca vi pecegos mais bonitos que os que amadurecem naquelle abandono; [...]

E o lugar ficou mal assombrado.

Mas, onde quero chegar: foi assim, como lhe vou contar (Lopes Neto, 1912, p. 37-39).

As narrativas que se seguem, com distintas nuances, remetem a dimensões do que se pode considerar como as sensibilidades bárbaras presentes no território: “a sensibilidade dos ‘excessos’ no jogo e no ócio (sua consequência improdutiva), na sexualidade, na violência, na exibição ‘não respeitosa’ da morte [...] [uma] “desordem dos instintos” (Barrán, 2015, p. 12, tradução nossa).

O casarão que deu origem à “Tapera del Cuervo” era habitado por cinco pessoas: Pedro Denis (“Jéfe”; “Patrón”) – que todos acreditavam ser a nova identidade do contrabandista Pantaleón Escobar; o que se confirma no decorrer da narrativa – três peões (sabemos, por apelidos, a identidade de dois: o negro Matuco e o sobrevivente Lanzaseca), e uma jovem, por volta de seus 12 anos, chamada Jacinta.

Pedro Denis se refugiou naquela instância quando decidiu deixar para trás (de certo modo, aposentar-se de) sua vida como criminoso. Jacinta é integrada ao grupo numa situação brutal:

Las gentes que habían asesinado y robado [...] Una vez en la Abra Honda, cayó entre los muertos una mujer en cinta

[grávida]; *Lanzaseca* le abrió el vientre y sacó vivo el *bacaray* [termo usado em algumas regiões para se referir ao feto de uma vaca que é consumido como alimento] y se lo tiró á Matuco [...]

[Matuco] No, no era bueno. El mismo no sabía por qué estuvo á punto de pelear con los camaradas porque no matasen á la pequeña Jacinta en el asalto de la estancia *dos Caraguatas* (Viana, 1912, p. 14-15);

Contudo:

El [Matuco] la salvó, él la crió, él se tomó trabajo con ella en las continuas correrías, y la quería, no precisamente como á una hija — ¡una hija de Matuco ! ; Matuco ! ; Matuco con una hija ! — sino como á una cosa suya, como á sus espuelas de fierro, por ejemplo, que eran fieras y les lastimaban, pero que eran suyas y las quería por eso (Viana, 1912, p. 15).

Logo, Jacinta também acompanha o grupo quando se retiram para o casarão. E lá cresceu, até alcançar a idade na qual sensibilidades bárbaras do “Patrón” se sentiam confortáveis para desfrutar de seu sexo:

El jefe de bandoleros, que á pesar de los años, se conservaba mujeriego, había resuelto *criar* á Jacinta. Esta palabra tiene una terrible acepción entre las gentes semibárbaras de la campaña. “Criar una moza”, es dejarla crecer, bajo severa vigilancia y controlar prolijo, para “comerla cuando esté madura, bien á punto, ni verdiona ni pasada”. Es un refinamiento del vicio que sólo cabe en las siniestras lobregueces de un alma de bandido (Viana, 1912, p. 17).

Matuco conhecia as intenções do “Jefe”. Todos conheciam, inclusive Jacinta. Matuco – o negro que “tenía aún los costurones del látigo del amo imponiéndole una voluntad pretérita” (Viana, 1912, p. 14) –, “vivía en angustia perpetua esperando el terrible desenlace (Viana, 1912, p. 17), incapaz de se opor e intervir, haja vista “su hábito de obediencia á quien le dominaba en valor, en ardides, en crueldad y en poderío” (Viana, 1912, p. 17).

Chegou o dia no qual o Patrão iria satisfazer seu desejo. Ordenou o abate de uma vaquilhona, para que se fizesse festa. Enquanto essa transcorria, Matuco, incapaz de agir de outra maneira, tratou de embriagar seus companheiros. Aguardou que o “Jefe” se retirasse com Jacinta, que os peões, bêbados, dormissem, para desencadear seu plano.

[...] salió sigilosamente para volver á entrar trayendo dos tarros de kerosene que empezó á desparramar por el suelo. Concluidos, tornó á salir y volvió á entrar con dos tarros más.

[...]

No contento en banhar con petróleo el suelo, las puertas y los muebles, Matuco levantó la lata y roció con el líquido infecto, las ropas de los bandoleros dormidos (Viana, 1912, p. 24-25).

Prosseguiu vedando todas as saídas do casarão “y prendió fuego á todo” (Viana, 1912, p. 27). Em pouco tempo, entre gritos e gemidos de agonia:

La estancia era una hoguera inmensa. De segundo en segundo, furiosas llamaradas brotaban de la entraña del edificio y culebreaban entre la humaza que ascendía velozmente, y empujada por el viento, se desparramaba, rumbo al Brasil, para ir á contarles á las famosas serranías el trágico fin de los que fueron sus trágicos señores (Viana, 1912, p. 27-28).

E o corvo que denomina a Tapera (pois “que bosteza eternamente sobre el derruido terrejón?”). Conta a lenda que é “el mismo Matuco, quien perdurará por los siglos de los siglos, para dar testimonio de su terrible venganza” (Viana, 1912, p. 29).

Quanto ao conto de Lopes Neto (1912, p. 37-61), são também as sensibilidades bárbaras o mote para as violências, as quais têm seus desfechos no “manantial” (palavra que no regionalismo sul-rio-grandense se refere a um atoleiro, um pântano) próximo à casa que se converterá em Tapera.

Maria Altina, uma jovem de cerca de 16 anos, é filha de Mariano (o dono da moradia). Enamorada e noiva de André, sofre as investidas de Chicão:

[...] um bruto, que só olhava, só queria Maria Altina – de carne e osso – Do mais não se lhe dava; não queria saber se a menina era vergonhosa, ou trabalhadeira ou prendada.

Elle só olhava-lhe para as ancas, e os seios, e para a grossura dos braços; era, – mal comparado –. como um pastor no faro de uma guincha...

A rapariga tinha-lhe quazi tanto medo como raiva (Lopes Neto, 1912, p. 43-44).

Quanto mais avança e se consolida a relação de Maria Altina e André, mais Chicão se torna agressivo. As festividades comunitárias de um batizado, dão-lhe a oportunidade para o ataque sexual contra jovem que, então, já está de casamento acertado com André.

Estando em casa preparando-se para ir aos festejos, apenas acompanhada pela avó e por uma “negra mina”, Maria Altina foi surpreendida por gritos e pelo, quase imediato, ataque de Chicão que “atropelou-a, agarrou-a, apertou-a, abraçando-a pela cintura, metendo a perna entre as della, forcejando por derrubá-la, respirando duro, furioso, desembestado... mais mordendo que beijando o pescoço amorenado... e garboso...” (Lopes Neto, 1912, p. 48).

Conseguindo desvencilhar-se do agressor foge e “ao passar pela cozinha viu a avó estendida, com as roupas enrodilhadas, a cabeça branca numa sangueira...” (Lopes Neto, 1912, p. 48). Monta um dos cavalos que seria utilizado para ir ao batizado, e prossegue em disparada, logo perseguida por Chicão. Nos ritmos e desesperos da situação, ambos acabam por adentrar no manancial e, nele, encontram a morte.

Maria Altina sucumbe de modo rápido, desaparecendo da superfície. Chicão, mesmo atolado, tem tempo de ser interpelado por todos – inclusive Mariano – que, surpreendidos com os fatos, acorrem ao local. Inicialmente acuado, o “rufião maldito” (Lopes Neto, 1912, p. 56) acaba por confessar. Mariano joga-se no manancial em ataque a Chicão e, após breve luta, ambos se sumiram “na fervura que gorgolejou logo por cima!... (Lopes Neto, 1912, p. 58).

Totalizadas essas quatro mortes:

O arranchamento ficou abandonado; e foi chovendo dentro; dezabou um canto de parede; caiu uma porta, os cachorros gaudérios já dormiam lá dentro. Debaixo dos caibros havia ninhos de morcegos e no copiar pouzavam as corujas; os ventos derrubaram os galpões, os andantes queimaram as cercas, o gado fez paradeiro na quinta. O arranchamento alegre e farto foi desaparecendo...[...] foi ficando tapéra... a tapéra... que é sempre um lugar tristonho onde parece que a gente vê gente que nunca viu... onde parece que até as arvores perguntam a quem chega : – onde está quem me plantou?... onde está quem me plantou?... (Lopes Neto, 1912, p. 59-60).

Tapera: vestígio de litígios, ardis e desalojos

Existem muitas Taperas anônimas, em relação às quais a história (na realidade, ou na ficção literária) apenas permitem conjecturas. Não deixam, entretanto, de evocar “sensações estranhas”, como propõe Alcides Maya (1911, p. 3):

Morta, mas ainda de pé, em debuxo ao fundo ermo dessa
immensidão triste, que sensações estranhas provocas!

Abandonaram-te talvez por velha; succumbiste, quem sabe,
a algum pampeiro : não tens o passado de glórias dos lares
que tombam heroicos por entre chammas ou se despovoam
tumultuariamente numa tragedia de ciúme, de vingança,
de odio.

Nelles, evocativo, perdura o prestígio de paixão e de poesia
que anima e consagra a poeira.

– Foi aqui! – murmura quem passa, e, logo o genio do amor
e da guerra embellece de idyllio, enche de rumores de luta,
decora de sympathia, de saudade ou de terror a habitação
derruida.

Como um nome de mulher em lenda triste aformosêa um sitio
agreste ! Como sonoro rebôa num silêncio de ruína abrutalada
o appellido de um bravo !

Nada, porém, te resta, merencoreo tijupar.

No trecho citado não se pode deixar de notar que é a violência, conforme Maya, que traz glória a Tapera – o ódio e as chammas, como na “Tapera del Cuervo”, o ciúme e a vingança, como na Tapera de Mariano e Maria Altina, o gênio do amor e da guerra, como na Tapera de Laura etc.... – resultando dúbia a Tapera anônima. Contudo, como propomos, mesmo esta carrega o complexo Rancho-Querência-Tapera, o qual pode ser percebido a partir dos interstícios que a própria literatura nos fornece sobre as dinâmicas do território.

No romance de Luís Araújo Filho ([1898]1987), é a pausa de um grupo de tropeiros – em trânsito na fronteira Brasil-Uruguai – que lhe permite reflexões sobre a Tapera e a árvore que, por característica, acompanha-a como símbolo do desejo Rancho-Querência:

Uma tapera... um umbu... quem não conhece estas duas cousas
tão comuns na nossa como na campanha do país vizinho?...

[...]

Quem o plantou? que mão cavou-lhe a terra e assinalou-lhe o lugar onde deviam medrar suas raízes?

Não se sabe.

E ainda assim é ele um indício seguro da passagem do homem por aquele sítio; – marca uma era; – é como uma nota saudosa assinada por mão desconhecida na gama sentimental das cousas humanas.

Cresce de preferência em lugares que já foram habitados, – nalguma tapera, – e só uma alma vazia poderá ver um destes destroços de habitação sem experimentar lá dentro, nos seus mais íntimos recessos, um certo sentimento de tristeza, sentimento que se traduz por uma interrogação jogada ao ar, ao tempo, “quem moraria aqui?”, pergunta insolúvel, porque quem poderia contar alguma coisa não fala, é ele, o umbu, a única testemunha viva, porém triste, solitária, muda.

Discreto, só ele sabe a história daquela habitação hoje em escombros: aquelas pedras esparsas, em desordem, são como um criptograma de que só ele tem a chave.

E naquela solidão, naquele ermo, os vestígios humanos são às vezes tão patentes, que ao viajante sentado nas bancadas que formam as salientes raízes da árvore – “dá vontade de chamar os donos da casa e esperar por eles”, como diz um notabilíssimo escritor, falando das ruínas da Pompéia; mas, como os habitantes da cidade morta, estes estão ausentes... muito longe... e nunca mais hão de voltar (Araújo Filho, 1987, p. 91-94).

Também o franco-argentino Godofredo Daireaux (1901, p. 128) vislumbra a Tapera junto ao Umbu, mas, em seu trecho mais enfático, evoca o contraste entre duas temporalidades:

El humilde rancho ha desaparecido, con sus perros bulliciosos y turbulentos, con el balido de sus ovejas. La familia se fue a otros pagos, llevándose todo, su rebaño, su pobre equipaje y sus esperanzas. No ha dejado más, alrededor del solitario, que un hornito en ruinas, que ya no se verá coronado de alegre humareda, – y abrojos, y espinas, inevitable vestigio del pasaje del hombre...

¡Cuántos corazones humanos son una tapera!

A Tapera anônima evoca sensibilidades e perguntas compatíveis com as dinâmicas do território: sucumbiu às adversidades climáticas de uma região hostil (o vento pampeiro)? E, por isso, não tem as “glórias dos lares que tombam heroicos por entre chamas ou se despovoam tumultuariamente numa tragédia de ciúme, de vingança, de ódio”? Quem moraria ali? A família se foi para outros pagos, levando tudo (rebanho, bens e esperanças)? Por quê?

Mas a Tapera anônima também evoca a perspectiva dos desalojos decorrentes de ganâncias, de litígios e de ardis, nos quais os “menos pudientes” (Molas, 1982) foram instrumentalizados para a apropriação, a utilização econômica e a povoação do território, com posterior descarte.

Ligia Maria Osorio Silva e María Verónica Secreto (1999) apresentam estudo denominado “Terras públicas, ocupação privada: elementos para a história comparada da apropriação territorial na Argentina e no Brasil”, e nele se encontra uma abordagem que periodiza a trajetória desses dois países, por meio de suas normas e leis, na gradual criação da propriedade privada (em especial a partir do século XIX). Trajetórias permeadas por valorizações da posse (Brasil) e por compromissos com a utilização produtiva para posterior compra (Argentina), mas que, em síntese, viabilizaram: “1) a incorporação das terras indígenas, movimento que mobilizou vastos recursos humanos e materiais no caso da Argentina; 2) que o processo de apropriação das terras novas não fugisse do controle das classes dominantes tradicionais” (Silva; Secreto, 1999, p. 135).

A literatura do período, sobretudo na parte hispânica do território pampeano, não deixou de registrar os ardis e os litígios que nos permitem vislumbrar a produção de Taperas anônimas. Trazemos, como exemplos mais significativos, três contos do franco-argentino Godofredo Daireaux (1916) e um do uruguaio Santiago Maciel ([1901]1961).

Em “Jirones [Pedaços] de Pampa” (Daireaux, 1916, p. 190-194), contextualizado na década de 1880, acompanhamos Pedro Arce – “hombre de mucha familia y de ningún capital” – que, “recomendado a un señor Labat, tendero [de Buenos Aires], que quería poblar ocho leguas de su propiedad, en el sur, [...] debía instalarse en el campo, cuidándolas al tercio del producto” (Daireaux, 1916, p. 190). Passam-se sete anos sem que Labat sequer se disponibilize à penosa

viagem até a estância. Quando finalmente a visita – pois que já há um ramal de trem até suas proximidades e as terras estão valorizadas –, vislumbra a riqueza do que é proprietário, rememora seus exclusivos méritos em adquiri-la e a manter, avalia como elevada a terça parte devida a quem, de fato, garantiu manadas bovinas e rebanhos ovinos naquelas léguas de campo e, por fim: “se apresuró – con razón – en rescindir su contrato con Pedro Arce” (Daireaux, 1916, p. 194).

Mais ardiloso, com certeza, foi o patrão de Manuel Fernández, quando “le aseguró que sería muy fácil hacerle conseguir en arrendamiento un buen lote de campo de estancia, de los del Gobierno, con derecho a compra” (Daireaux, 1916, p. 299), pois que dez anos passados foi, então, que Manuel soube que “si bien la propiedad estaba segura, lo era no para él, sino para el que aparecía como verdadero poblador; para su generoso patrón, de quien había reconocido formalmente los derechos, aunque sin saberlo, por el documento firmado” (Daireaux, 1916, p. 300-301).

Já Santiago Maciel, com o sugestivo título de “La Querencia”, conduz-nos ao litígio enfrentado por don Calixto Martinez:

De cómo le armaron aquel litigio infame, ni él mismo pudo darse cuenta clara, al cabo de tres años de rodar el expediente por los juzgados de la capital, en manos de abogados, procuradores, escribanos, alguaciles, y de toda la antipática familia grafómana de pleitistas patentados El caso fue que un buen día, don Calixto Martinez, dueño de la “Estancia de los Molles” recibió una notificación, acompañada de un escrito, en el que se hablaba de “reivindicación de propiedad” y se alegaban derechos sobre aquel pedazo de tierra, que el había heredado de sus mayores, y que ellos, a su vez, recibieron de sus abuelos

Escrituras, en verdad no las tenía, ni tampoco las necesitaba ¿Para que? Sus padres allí nacieron y sus despojos reposaban en el pobre cementerio de la cuchilla, y el, único hijo, se crió en el mismo rancho, cuidando los animales, que con el campo, constituían el legado paterno No era bastante todo esto? ¿Que mejor escritura de propiedad que la que él presentaba? Todos los vecinos de los alrededores sabían que allí había envejecido formando su familia, de la que, más que jefe, era patriarca, por su edad, y por el respeto y el cariño que había sabido inspirarle ¿Sería posible, pues, que al llegar al último linde de

la vida, cuando pensaba morir tranquilo dejando a sus hijos y a sus nietos aquella posesion que era su orgullo, la justicia humana pudiera despojarlo, arrojandole de su propio hogar como si fuera un intruso, un ladrón, un miserable usurpador de bienes ajenos? No, no se atreverian ¿Que tenia que ver él con los fallos condenatorios? Sobre las resoluciones judiciales estaba su conciencia, y ella le decía que el rancho era suyo, y el campo, tan suyo como su corazon, como su cuerpo encorvado por los años (Maciel, 1961, p. 9-10).

Foram, entretanto, em vão as ilusões de don Calixto frente à lei, já que recebeu, com sua família, o “golpe rudo La intimación de desalojo dentro del termino legal” (Maciel, 1961, p. 12).

Noutro conto de Daireaux (1916, p. 7-10), é o velho Capataz – para quem o antigo Patrão havia prometido “darme en propiedad unas cien cuadras de campo; pero pasó el tiempo; y después, no se habrá acordado... (Daireaux, 1916, p. 10), que é desalojado quando a estância é vendida pelos herdeiros daquele.

São Ranchos-Querências que, nesses episódios, ficam para trás. São prováveis Taperas, que se tornarão anônimas, não obstante a regulação do Estado tenha logrado ocupar o território e formatar o mercado fundiário, excluindo disso amplas camadas sociais.

Tapera: barbárie e civilização, memória e identidade

A dicotomia civilização-barbárie inquieta a região pampeana desde meados do século XIX, sobretudo a partir da obra *Civilización i barbarie. Vida de Juan Facundo Qiroga. Aspecto físico, costumbres i abitos de la República Arjentina* (Sarmiento, 1845), publicada por Domingo Faustino Sarmiento, futuro presidente da Argentina, por meio da qual consagra a oposição entre a cidade e o Pampa rural, a expectativa de modernização que deve seguir os padrões europeus (hábitos e instituições) em superação daqueles até então vigentes, em especial no contexto do interior pampeano.

Para Sarmiento (1845, p. 28), ainda que neste ponto não utilize o termo Tapera, mas sim se refira ao Rancho:

Da compasion i vergüenza en la República Arjentina comparar la colonia alemana o escosesa de Sud de Buenos Aires, i la villa qe se forma en el interior: en la primera [...]. La villa nacional

es el reverso indigno de esta medalla: niños sucios i cubiertos de arapos viven con una jauria de perros; ombres tendidos por el suelo en la mas completa inaccion, el desaseo i la pobreza por todas partes, una mesita i petacas por todo amueblado, ranchos miserables por abitacion, i un aspecto jeneral de barbarie i de incuria, los acen notables.

Já quando menciona um personagem típico da região, “El *gaucho cantor*”, alega que este “anda de pago en pago, ‘de tapera en galpon’” (Sarmiento, 1845, p. 56). Logo, o favorecimento de terras ao imigrante estrangeiro, em detrimento da população nativa (haja vista a comparação da “Vila Nacional” com as “Colônias alemãs ou escocesas”), é compreendido e operacionalizado como estratégia civilizadora no território.

Os contrastes e os resultados de tais políticas, como sentimento nostálgico, com ênfase aparecem no poema “Los que quedan”, de José María Alonso y Trelles ([1923]1929, p. 38-39):

Aquí otra güelta, aburrido,
Deshecho de las paletas,
Y sabiendo ya que tuito
Se ha hecho gringo en esta tierra:
El puesto, el corral, los bretes,
El alambráo, las tranqueras,
La estancia con su “garage”,
La pionada, las haciendas,
Tuito es gringo; hasta los ranchos
Que hace un siglo eran taperas,
Son hoy la suidá machaza
[...][...]
Güelvo otra vez a mis pagos,
Al silencio e mi tapera,
A contarle a mi guitarra,

Pa que lo yoren sus cuerdas,
Que no quedan ya más gauchos
En tuito el lomo e la tierra,
Que unos de engaña-pichanga
Que vide ha poco... ¡en “maqueta”!

Tudo se fez estrangeiro, para ser civilizado, e a Tapera opera como ícone de outra época, de outra identidade, de outra cultura, todas suplantadas porque não dignas de preservação.

A Tapera é ícone multifacetado e multidimensional para as emoções, mas há sempre um sentimento de perda, ainda quando a reflexividade “não se quer amarga”, não deixa de se fazer com “um nó na garganta”, como expôs Elias Regules ([1922]1965, p. 175) ao explicar sua própria poesia “Mi Tapera”⁸.

Entre los pastos tirada
como una prenda perdida,
en el silencio escondida
como caricia robada,
completamente rodeada
por el cardo y la flechilla
que, como larga golilla,
van bajando a la ladera,
esta una triste tapera
descansando en la cuchilla.

[...]

Donde el aire perfumado
esta de risas escrito,
y donde en cada pastito

⁸ Ver Nota 3.

hay un recuerdo clavado;
tapera que mi pasado,
con colores de amapola,
entusiasmada enarbola,
y que siempre que la miro
dejo sobre ella un suspiro
para que no este tan sola (Regules, 1965, p. 7-8).

Por fim, dois contos de Roque Callage (1921, 2004), complementares nas perspectivas de um mesmo personagem, são significativos para amalgamar os conteúdos desse centro de sentido. Em “Através do Pampa” (2004, p. 65-74), “começava a crepuscular, quando Izidro, o tropeiro, montou a cavalo e galopou para a estrada”:

A sutileza das penumbras baixava por tudo... Avolumam-se espectros na treva; subiam, multiplicavam-se. Indecisas e raras, as quebradas no escampado soturno das coxilhas se submergiam no seio desesperado das sombras, ao ímpeto flagrante das rajadas... Taperas inesquecíveis dormiam num sepultamento de saudades e de brumas... [...]

Eram agora querências saudosas que se perdiam adiante, [...] lá adiante um rancho que caía, vencido pelo tempo, abandonado pelos homens, mostrando apenas a podridão das madeiras, a miséria das ruínas, o traço da morte, a conclusão final (Callage, 2004, p. 65-66).

O quadro emocional da memória e das temporalidades se enfeixa no conto “Saudade” (Callage, 1921, p. 81-84), quando o tropeiro se defronta com o complexo Rancho-Querência-Tapera de sua própria existência:

Izidro estacava pensativo. E uma a uma desfilavam as ruínas da casa paterna, da estancia sob cujo abrigo se desenvolvera e fizérase homem. Como tudo estava mudado!... Eram os primeiros recantos que se abatiam; fraqueavam depois os esteios de páo roliço, desenergados, vencidos na luta duma velha existencia, apagando-se, perdendo-se, extinguindo-se, Uma destruição lenta vinha, lado a lado, vencendo, consumindo os recantos da morada sombria e erma, soerguida

timidamente, no campo, na solidão vasia das estradas... E todo um espirito errante, na dispersão dos átomos, na subtileza das cousas, pungia torturado, na ancia extrema da seiva que se váe. Nem mais alegria, nem mais vida, nem mais nada, naquelles destroços esquecidos o tetricos como o piar dos quero-quéros [pássaro típico da região] á hora nostalgica do crepusculo. Havia de tudo uma transmissão de dores e soffrimentos, para o coração commovido do tropeiro. Diante do passado que surgia em farrapos, o presente era como uma densa sombra repercutindo o eco da existencia d'antanho. De tudo o que fora a abastada fazenda gaúcha restavam, apenas, fragmentos informes de construcções abaladas (Callage, 1921, p. 82-83).

A Tapera aciona a memória, pessoal ou coletiva, de identidades e culturas, muitas das quais também pelo tempo atacadas e abaladas, não raras vezes premidas por processos e questões sociais conflitivos e violentos.

A Tapera contemporânea: breve panorama a partir dos estudos acadêmicos

Para fins de estudos acadêmico-científicos, a Tapera contemporânea é, inicialmente, mais acionada como um topônimo. Ao menos é isso que indica um estudo exploratório realizado junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Utilizando-se como termo de busca a palavra Tapera, 36 trabalhos (3 teses e 33 dissertações) a tem como parte de seu título (ver Apêndice). Para 32 deles foi, também, possível analisar os resumos e, a seguir e em síntese, registramos aspectos significativos para esse estudo.

Como topônimo a Tapera aparece em 29 trabalhos, destacando-se territórios quilombolas, distritos e/ou comunidades do interior de municípios, assentamentos e territórios de povos originários. Nos demais, também se faz presente como expressão vinculada a bens e práticas culturais.

As pesquisas se referem a localidades e/ou comunidades existentes em diferentes estados brasileiros: Bahia; Ceará; Minas Gerais; Rio de Janeiro; Rio Grande do Sul; São Paulo; e, Santa Catarina. Uma significativa diversidade de áreas de conhecimento é registrada nesse conjunto. Não obstante, evidencia-se, conforme a classificação adotada pelo CNPq, uma predominância dos estudos na área das Ciências Humanas (verifica-se, por exemplo, que Geografia, Antropologia Social e História reúnem a metade das ocorrências).

Quadro 2 – Divisão das 36 teses e dissertações por área de conhecimento CNPq

Área de Conhecimento	Quantitativo de pesquisas
Antropologia Social *	5
Arquitetura e Urbanismo	2
Ciências Sociais *	2
Desenvolvimento e Meio Ambiente	1
Desenvolvimento e Gestão Social	1
Desenvolvimento Social	1
Educação *	1
Educação agrícola	1
Educação e Contemporaneidade *	1
Engenharia Mineral	1
Ensino de História *	1
Extensão Rural	1
Formação de Professores *	1
Geografia *	10
História *	3
Manejo de Solo e Água	1
Memória Social *	1
Patologia	1
Química	1
Total	36

Nota: (*) Campos da Área das Ciências Humanas, CNPq.

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, organizado pelo autor, 10 jul. 2025.

Ainda que não como regra, mas com significativa relevância, o vínculo entre a área do conhecimento das Ciências Humanas e a pesquisa em locais com a toponímia Tapera constitui estudos que conduzem e se relacionam com a memória, os territórios e as identidades de grupos no desafio de permanência ou acesso à terra e/ou moradia, bem como à manutenção e/ou viabilização de práticas culturais e econômicas. Nesse sentido, é significativo identificar nas palavras-chave dos estudos termos como: “comunidades quilombolas”; “comunidades tradicionais”; “conflito”; “disputas identitárias”; “estratégias de expropriação”; “estrutura agrária”; “identidade”; “indígena”; “invisibilidade”; “memória negra”; “memória quilombola”; “poder”; “políticas de esquecimento”; “políticas de memória”; “posse da terra”; “resistência histórica”; “resistência”; “temporalidades”; “terra”; “territorialidade humana”; “territorialidades”; “território”; “violência”.

Ou seja, conflitos, histórias de violência e de desalojos permeiam tais pesquisas. E é relevante perceber como a Tapera pode, nesses contextos, exceder a mera identificação de uma construção antiga e/ou em ruínas, ou mesmo de um local, e ser acionada como “um catalizador da resistência”, como no caso da dissertação *Tapera viva. Territorialidade e movimento caiçara na Jureia*, de Maria Carolina Loureiro Fernandes (2021).

Para fins de nosso estudo, tal percepção das pesquisas contemporâneas emerge como um indicativo de reforço à hipótese da potência da Tapera como ícone hologramático de memória e violências (concretas ou simbólicas), o qual, geral inclusive para o Brasil, pode e deve ser explorado em diferentes campos do conhecimento.

Considerações finais

Instigado pela presença (e, de certo modo, destaque) da palavra/termo Tapera nos pioneiros trabalhos que, ainda no século XIX, sistematizam um vocabulário típico do Rio Grande do Sul, não obstante não ser vocábulo de exclusivo uso regional (dada sua origem e significância na língua dos povos originários predominantes em todo o território nacional), este estudo, também considerando as peculiaridades dos processos de apropriação de terras e sedentarização de populações no contexto da bacia do Rio da Prata – o Pampa –, focalizou e perquiriu, por meio de fontes literárias antigas (com mais de 100 anos de publicação), os sentidos que a Tapera permite evidenciar em termos de figurações da sociedade (Tavares-dos-Santos, 2020, p. 25), seja da época ou – em perspectiva – para estudos contemporâneos.

Reconhecidos os territórios pampeanos historicamente tanto como desafiadores, por si só, à fixação de populações, como desejados por interesses de elites políticas e econômicas, evidenciou-se um complexo que, nesse contexto e seus contrastes e conflitos, relaciona-se com os desejos humanos de vida estável e/ou sedentarizada e se materializam por meio da construção de uma habitação, mesmo que primitiva: o Rancho-Querência que, quando frustrado, produz a Tapera. E tanto o Rancho contém a Querência e a Tapera, como essa os contém.

Os textos analisados no estudo permitiram que a Tapera, como elemento hologramático desse complexo, fosse identificada como acionadora de quatro

centros de sentido que se vinculam com conflitos e violências: a) a apropriação do território e a guerra; b) a memória coletiva de violências e crimes; c) os vestígios de litígios, ardis e desalojos; e, por fim, d) os contrastes entre barbárie e civilização, além das resistências da memória e da identidade. E, não obstante existam gradações de violências que transitam por esses centros de sentido, é perceptível identificá-las entre expressões físicas e simbólicas (Bourdieu, 2003).

O estudo exploratório das pesquisas contemporâneas que se relacionam com a Tapera reforça a convicção de que esta opera como um ícone crítico da memória e da violência, em especial para o estudo, análise e compreensão de processos e políticas que se relacionam com o acesso, a apropriação e o usufruto de terras/territórios, além da sedentarização, preservação e respeito de populações em suas dignidades, culturas e memórias.

Referências

- ARAÚJO FILHO, Luís. *Recordações gaúchas*. Porto Alegre: Aplub, 1987.
- ASSUNÇÃO, Fernando O. *Historia del Gaucho*. El gaucho: ser y quehacer. Buenos Aires: Claridad, 2011.
- BARRÁN, José Pedro. *Historia de la sensibilidad en el Uruguay*. Montevideo: La Banda Oriental, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CALLAGE, Roque. *Prosas de ontem; Escombros*. Santa Maria: UFSM, 2004.
- CALLAGE, Roque. *Terra gaúcha* (Scenas da vida Rio-Grandense). 2. ed. Pelotas: Livraria Universal, 1921.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Todavia, 2023.
- CHIES, Luiz Antônio Bogo. Militarismo, racismo e sensibilidades bárbaras: sociogênese do autoritarismo do controle social e punitivo no Cone Sul. *Revista Chilena de Derecho y Ciencia Política*, Temuco, v. 14, n. 1, p. 1-29, 2023.
- CORRÊA, José Romaguera da Cunha. *Vocabulário sul rio-grandense*. Porto Alegre: Echenique & Irmão, 1898.
- CORUJA, Álvares Pereira. Collecção de Vocabulos e Frases usados na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, Rio de Janeiro, tomo XV, n. 6, p. 210-240, 1852. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/coruja_1852_collecao. Acesso em: 29 jul. 2025.

- DAIREAUX, Godofredo. *Recuerdos de un hacendado*. Buenos Aires: Imprenta de La Nación, 1916. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=X6ASAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 29 jul. 2025.
- DAIREAUX, Godofredo. *Tipos y paisajes criollos* (primera serie). Buenos Aires: Prudent Hnos. y Moetzel, 1901.
- DÍAZ, Eduardo Acevedo. *Soledad y El combate de la tapera*. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1954. Disponível em <http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/1106>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- FERNANDES, Maria Carolina Loureiro. *Tapera Viva: territorialidade e movimento caçara na Jureia*. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03012022-161715/publico/2021_MariaCarolinaLoureiroFernandes_VCorr.pdf. Acesso em: 29 jul. 2025.
- HEAD, Francis Bond. *Rough notes taken during some rapid journeys across the Pampas and among the Andes*. London: John Murray, 1826. Disponível em <https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/84987>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- HEREDIA, Edmundo. O Cone Sul e a América Latina: interações. In: CERVO, Amado Luiz; RAPOPORT, Mário (org.). *História do Cone Sul*. Rio de Janeiro: Revan, 1998. p. 121-166.
- HERNANDEZ, Jose. *Martín Fierro*. Buenos Aires: Albatros, 1966.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos Gãuchescos*. Pelotas: Echenique & C., 1912. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/grupoicaro/files/2015/08/Contos-Gauchescos-1%C2%AA-edi%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- MACIEL, Santiago. *Nativos*. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1961. Disponível em: <http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/bitstream/123456789/1135/1/clasicos-uru-vol34.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- MALÓN. In: *Diccionario de la lengua española*, [2025]. Disponível em: <https://dle.rae.es/malón>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- MAYA, Alcides. *Tapera* (Scenários Gaúchos). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=BsULAQAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 29 jul. 2025.
- MOLAS, Ricardo E. Rodriguez. *Historia social del gaucho*. Buenos Aires: CEAL, 1982.
- MONSMA, Karl; SALLA, Fernando Afonso; TEIXEIRA, Alessandra. A Sociologia Histórica: rumos e diálogos atuais. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 6, n. 12, p. 65-87, 2018.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- POMER, León. *Historias de gauchos y gauchisoldados*. Buenos Aires: Colihue, 2007.

- PORTO ALEGRE, Apolinário. A Tapéra. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano 3, p. 704-714, abr. 1874a. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/assets/downloads/1874-04.pdf>. Acesso em 25 jul. 2025.
- PORTO ALEGRE, Apolinário. A Tapéra. *Revista do Parthenon Litterario*, Porto Alegre, ano 3, p. 744-750, maio 1874b. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/assets/downloads/1874-05.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- REGULES, Elias. *Versos Criollos*. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1965. Disponível em: <http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/1148>. Acesso em: 25 jul. 2025
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 79, p. 71-94, 2007.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Civilizacion i barbarie – vida de Juan Facundo Qiroga i aspecto físico, costumbres, i abitos de la republica Argentina*. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso, 1845. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/visor/BND:8208>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. *Dicionário da cultura pampeana sul-rio-grandense* (2 volumes). Pelotas: Frutos do Paiz, 2019.
- SILVA, Ligia Maria Osorio; SECRETO, María Verónica. Terras públicas, ocupação privada: elementos para a história comparada da apropriação territorial na Argentina e no Brasil. *Economia e Sociedad*, Campinas, v. 12, p. 109-141, 1999.
- TAVARES-DOS-SANTOS, José-Vicente. *O romance da violência: sociologia das metamorfoses do romance policial*. Porto Alegre: Tomo, 2020.
- TRELLES, José María Alonso y. *Paja brava: versos criollos*. 5. ed. Montevideo: Palacio del libro, 1929. Disponível em: <https://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042057&page=1>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- VIANA, Javier de. *Leña seca. Cuentos camperos*. 3. ed. Montevideo: D.M. Bertani, 1912. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000122480&page=1>. Acesso em: 21 jul. 2025.

Como citar

CHIES, Luiz Antônio Bogo. Tapera: literatura, conflitos, violências e memórias. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, 2025, e2533209, DOI: https://doi.org/10.36920/esa33-2_09

Apêndice

Dissertações e teses que, em seus títulos, acionam a Tapera para fins de delimitação do objeto de estudo

Área de conhecimento do Programa de Pós-Graduação	Dados da dissertação ou tese
Antropologia Social	Fernandes, Maria Carolina Loureiro. Tapera viva: territorialidade e movimento caiçara na Jureia. 15/09/2021. Mestrado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo.
	Silva, Sergio Baptista da. O sítio arqueológico da Praia de Tapera: um assentamento Itarare e Tupiguarani. 30/04/1989. Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
	Jacinto, Andréa Borghi Moreira. Afluentes de memória: itinerários, taperas e histórias no Parque Nacional Grande Sertão Veredas. 31/08/1998. Mestrado em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas.
	Moura, Brisa Pires. Memórias de Tapera: uma reflexão sobre memória e construção de identidades em relação à ascendência indígena em Acaraú/CE. 15/12/2022. Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
	Rodrigues, Nelson. Paisagem e território: Os “Causos Acontecidos”, a “Tapera” e o “Muxirum” como um patrimônio cultural dos afrodescendentes de Chapada dos Guimarães, MT. 12/06/2018. Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de Mato Grosso.
Arquitetura e Urbanismo	Silveira, Fabiano Bernardes da. Narrativa urbana: construindo uma Tapera na memória de Florianópolis. 30/09/2021. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina.
	Rosa, Artur Hugo da. Relações singulares entre rua e praia: o espaço vivido da Praia da Tapera. 15/12/2022. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal De Santa Catarina.
Ciências Sociais	Jacome, Graziela Armelao. Pastorinhas da Tapera: tradição e espetáculo da tradição em Conceição do Mato Dentro/MG. 03/02/2014. Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
	Santos, Alexandra dos. Os de dentro e os de fora: identidade e agenciamento dos quilombolas de Tapera – Petrópolis/RJ. 28/04/2016. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Desenvolvimento e Meio Ambiente	Lima, Fatima Aurilane de Aguiar. Impactos socioambientais do turismo no distrito de Tapera: o caso do complexo turístico e residencial Aquiraz Golf & Beach Villas. 02/03/2016. Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Ceará.
Desenvolvimento e Gestão Social	Santos, Andrea Marques. Desafios no fortalecimento do processo da auto-organização comunitária na perspectiva da economia solidária – o caso da comunidade quilombola da Tapera Melão. 29/05/2014. Mestrado Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social. Universidade Federal da Bahia.
Desenvolvimento Social	Abrantes, Sidinéia Maria de Souza. Capital social e desenvolvimento local: o caso da Comunidade Tapera-Riacho Dos Machados. 31/03/2006. Mestrado em Desenvolvimento Social. Universidade Estadual de Montes Claros.
Educação	Nilson, Lauren Linck. Ensino de ciências, alfabetização científica e sustentabilidade na compreensão de professores que atuam nos anos iniciais no município de Tapera/RS. 05/12/2023. Doutorado em Educação. Fundação Universidade de Passo Fundo.

Área de conhecimento do Programa de Pós-Graduação	Dados da dissertação ou tese
Educação agrícola	Santana, Adelmo Carvalho. Participação das escolas de Caatinguinha, Tapera e Bebedouro no projeto Mata Ciliar realizado no município de Petrolina – PE. 31/07/2011. Mestrado em Educação Agrícola. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Educação e Contemporaneidade	Ribeiro, Marta de Assis Souza. Alimentação originária e educação no território quilombola da Tapera, município de Mata de São João – BA. 30/10/2024. Mestrado em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia.
Engenharia Mineral	Paulo, Beljavskis. Prospecção geoquímica experimental na ocorrência de ouro Tapera Grande – Guarulhos – SP. 30/11/1988. Mestrado em Engenharia Mineral. Universidade de São Paulo.
Ensino de História	Queiroz, Jeuedne Eufrazio Araujo de. A aplicabilidade da Lei 10.639/03 no processo de construção identitária numa escola quilombola em São José da Tapera- Alagoas. 29/08/2018. Mestrado Profissional em Ensino de História. Fundação Universidade Federal De Sergipe.
Extensão Rural	Lteif, Ana Paula Alves Silva Abouf. A construção social da agroecologia no Assentamento Tapera, em Riacho dos Machados, MG. 30/04/2008. Mestrado em Extensão Rural. Universidade Federal de Viçosa.
Formação de Professores	Souto, Gizelda da Costa. O saber que vem do barro: educação patrimonial a partir de memórias e histórias das Loiceiras da Tapera – Chã da Pia e Assentamento Oziel Pereira- PB. 11/06/2024. Mestrado Profissional em Formação de Professores. Universidade Estadual da Paraíba.
Geografia	Diniz, Edite Luiz. Tapera, Pau Grande e Barbeiro: uma geohistória de resistência de comunidades tradicionais, no Litoral Norte da Bahia. 30/06/2007. Mestrado em Geografia. Universidade Federal da Bahia
	Santos, Janeide Bispo dos. A territorialidade dos quilombos de Irará (BA): Olaria, Tapera e Crioulo. 30/09/2008. Mestrado em Geografia. Universidade Federal da Bahia.
	Bibiano, Maria das Graças Martins. Há terras para plantar neste verão? O assentamento Tapera e a reprodução do espaço (e da vida) na luta pela terra. 30/06/2009. Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais.
	Faria, Mariana Sgarbi Claro. Unidades Morfológicas Complexas na bacia hidrográfica do Córrego da Tapera, São Paulo, SP: contribuições ao planejamento urbano e ambiental. 18/12/2013. Mestrado em Geografia (Geografia Física). Universidade de São Paulo
	Fernandes, Bruno De Jesus. Diagnóstico ambiental com ênfase na ocorrência de escorregamentos na Bacia Hidrográfica do Córrego Tapera, Juiz de Fora – MG. 27/04/2016. Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Juiz de Fora.
	Peres, Jose Felipe da Silva. Produção e fragmentação do espaço urbano e o direito à cidade: uma análise do Programa “Morar Feliz” entre os moradores dos Conjuntos Tapera II e Ururai II. 17/04/2017. Mestrado em Geografia. Universidade Federal Fluminense
	Silva, Nadia de Sousa. Já torrei um mei mundo de farinha nessa vida”: lugar e memória social no saber-fazer das casas de farinha no povoado de Boa Vista da Tapera – Encruzilhada – Bahia. 26/03/2019. Mestrado em Geografia. Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia.
	Costa, Romulo Montan. Ação antropogênica sobre o relevo e sua influência na modelagem de predição de escorregamentos e de risco na bacia hidrográfica do córrego Tapera, Juiz de Fora MG. 01/04/2019. Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Juiz de Fora.
	Mbelloni, Ana Caroline Pinheiro. (Re) Conhecendo o Ciclo Hidrossocial: os movimentos da água na Comunidade Quilombola da Tapera (RJ). 24/06/2019. Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Juiz de Fora.

Área de conhecimento do Programa de Pós-Graduação	Dados da dissertação ou tese
Geografia	Goncalves, Flavio Pinho. O Quilombo da Tapera como território negro na cidade de Petrópolis/RJ e sua relevância para o ensino escolar da geografia no âmbito da lei 10.639/2003. 15/05/2024. Mestrado em Geografia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
História	Barros, Maria Luiza Freitas Monteiro de. Tapera da Figueira: Estudo de Caso sobre o Processo Ocupacional da Aldeia Velha no Século XIX – Santo Antônio da Patrulha. 31/08/1996. Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
	Luz, Vinicius Silveira. Entre praças, parques, igrejas e bares: narrativas e percepções na comunidade da Tapera, Florianópolis – SC, no tempo presente (2002 – 2020). 19/07/2022. Mestrado em História. Universidade do Estado de Santa Catarina.
	Goulart, Pablo Gomes. Comunidade remanescente de Quilombo da Tapera: visões de Passado em contexto de presente. 27/09/2022. Mestrado em História. Universidade Federal de Juiz de Fora.
Manejo de Solo e Água	Carvalho, Jose Wilson Costa de. Diálogos entre agroecologia e etnopedologia: Sítio Tapera, município de Upanema/RN. 30/08/2016. Doutorado em Manejo de Solo e Água. Universidade Federal Rural do Semi-Árido.
Memória Social	Dias, Paola Vanessa Goncalves. Do apagamento à fala pública: a memória negra em Petrópolis a partir da trajetória do Quilombo da Tapera. 25/02/2016. Mestrado em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio De Janeiro.
Patologia	Sacramento, Rafael Henrique Machado. Dengue e o Aedes aegypti na população indígena dos Tremembé da aldeia Tapera no Ceará: prevalência, conhecimentos e práticas. 22/04/2017. Mestrado em Patologia. Universidade Federal do Ceará.
Química	Carvalho, Vinicius Praia. Monitoramento da contaminação de hidrocarbonetos totais de petróleo em sedimentos nas proximidades do bairro de Tapera no sul de Florianópolis. 30/07/2015. Mestrado em Química. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações – Capes, organizado pelo autor, 10 jul. 2025



Creative Commons License. This is an Open Access article, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License CC BY 4.0 which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium. You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made.